



Construindo um olhar agroecológico para a conservação da natureza a partir do Projeto Sertão Carioca - Rio de Janeiro/RJ

Building an agroecological perspective for nature conservation from the Sertão Carioca Project - Rio de Janeiro/RJ

PENA, Ingrid Almeida de Barros¹; SANTANA, Caroline²; TÁVORA, Bruna³; PORTILHO, Mariana⁴; RIBEIRO, Letícia⁵; MENDONÇA, Marcio Mattos de⁶
¹ AS-PTA, ingrid.pena@gmail.com; ² AS-PTA, caroline_santana@ymail.com, ³AS-PTA tavora.bruna@gmail.com, ⁴AS-PTA, portilho.aspta@gmail.com, ⁵AS-PTA, leticia@aspta.org.br, ⁶AS-PTA, urbana@aspta.org.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

Resumo: O Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta foi desenvolvido entre 2021 e 2023 pelo Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA. Atuando em três eixos estratégicos – sociocultural, socioambiental e socioeconômico – as ações desenvolvidas durante o projeto teceram um olhar para a conservação da natureza que envolve o resgate de memórias, a valorização de histórias por muito tempo ignoradas que nos contam sobre as paisagens do Maciço da Pedra Branca. Construindo o que chamamos de “um olhar agroecológico para a conservação ambiental”, buscamos dar visibilidade e fortalecer a agricultura urbana no desenvolvimento das soluções no combate à fome, na conservação da biodiversidade, manutenção e provisão dos serviços ecossistêmicos. Para tal, foi necessário confluir caminhos que articulam formas intuitivas e integradoras adotadas pelos agricultores e comunidades tradicionais, bem como métodos racionais/análíticos empregados pelos pesquisadores e técnicos.

Palavras-Chave: Conservação da natureza; Maciço da Pedra Branca; Comunidades tradicionais; Serviços ecossistêmicos; Memória.

Contexto

A Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA) é uma organização da sociedade civil com sede na cidade do Rio de Janeiro. Constituída no início da década de 1989, desenvolve suas ações por meio de programas locais em comunidades do centro-sul do Paraná, do agreste da Paraíba e da região Metropolitana do Rio de Janeiro, este último iniciado no ano de 1999 por meio do Programa de Agricultura Urbana (AU). As ações do Programa de AU estão voltadas para o incentivo ao aproveitamento de espaços dentro da cidade para o cultivo de alimentos, plantas medicinais e criações de animais seguindo um enfoque agroecológico. O trabalho se desenvolve a partir do reconhecimento e da valorização das experiências espontâneas e dos saberes dos moradores das comunidades, bem como por meio da facilitação do acesso aos conhecimentos técnicos apropriados, do estímulo à experimentação e do apoio a variadas formas de organização local.



Entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2023, no âmbito do Programa de AU, foi desenvolvido o *Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta*, cujo objetivo foi contribuir para a conservação da floresta, numa proposta de conjugar sujeitos coletivos e iniciativas de valorização do conhecimento e das práticas de comunidades agrícolas e quilombolas do Maciço da Pedra Branca, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, onde está localizado um parque homônimo, o Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB).

Na criação do PEPB, em 1974, o maciço abrigava agricultoras e agricultores com forte relação com a natureza em suas atividades cotidianas de lazer e de trabalho. A implementação do parque partiu da perspectiva política preservacionista de proteção da natureza. Isso exigiu uma mudança na forma com que as populações acessam e manejam os recursos, sob a justificativa da necessidade de conter práticas agrícolas consideradas na época prejudiciais ao meio ambiente, e também o avanço desordenado da urbanização. Essa política estava associada à ideia de que a intervenção humana sobre a natureza é sempre negativa, e ignorava a prática de conservação das comunidades agrícolas que, historicamente, mantém a qualidade dos recursos naturais e evitam a ocupação desenfreada do território do maciço.

Hoje é sabido que algumas técnicas de manejo sustentável e práticas realizadas por grupos no interior e entorno do PEPB contribuem direta e indiretamente para a conservação dos recursos naturais. As práticas de agriculturas urbanas de base agroecológica mostram soluções em curto e médio prazos para os problemas ambientais e socioeconômicos das cidades. No caso do PEPB, elas frearam a migração para áreas urbanizadas através de sua agricultura limpa e também promovem serviços ecossistêmicos, como evidenciado por duas pesquisas científicas apoiadas pelo projeto (BALIEIRO et al., 2023 e FERREIRA et al, 2023). Com essa perspectiva, adotamos “um olhar agroecológico para a conservação da natureza” na condução das ações do projeto, sob o qual discorreremos na próxima seção, com destaque para as pesquisas de serviços ecossistêmicos e para o combate à fome.

Descrição da Experiência

Num primeiro momento, a noção de conservação da natureza nos remete a estratégias de proteção e uso sustentável de recursos naturais, água, solo e biodiversidade. Atuando em três eixos estratégicos – sociocultural, socioambiental e socioeconômico – as ações desenvolvidas durante o projeto teceram um olhar para a conservação da natureza que envolve também o resgate de memórias, a valorização de histórias por muito tempo ignoradas que nos contam sobre as paisagens do Maciço da Pedra Branca. Assim, amplia-se o significado já ultrapassado de “natureza” limitado aos recursos naturais passíveis de controle e dominação, para uma concepção mais ampla, uma natureza na qual os homens se reconheçam como parte integrante e, por ela sejam responsáveis, uma biointeração (SANTOS, 2007). O olhar agroecológico adotado também considerou o apoio a



mercados e redes de economia solidária e o fortalecimento de sistemas agroalimentares locais, num contexto de avanço da fome, agravado pela pandemia e pelo desmonte de políticas públicas

Assim, através das ações desenvolvidas pelo Projeto Sertão Carioca, buscamos dar visibilidade e fortalecer, e apoiar a agricultura urbana no desenvolvimento das soluções no combate à fome, e na conservação da biodiversidade, manutenção e provisão dos serviços ecossistêmicos. As atividades foram pensadas para promover segurança alimentar, nutricional e hídrica das famílias, bem como para fortalecer os sistemas agrofloretais familiares do Maciço da Pedra Branca como importantes provedores de alimentos saudáveis, água potável e serviços ecossistêmicos para os moradores da cidade do Rio de Janeiro. Partindo dessa perspectiva, foram mobilizados grupos comunitários, redes e população do entorno de forma ativa e integrada às dinâmicas de uso social e de conservação da floresta.

Para o alcance dos resultados, como supramencionado, o projeto foi organizado em torno de três eixos estratégicos: o primeiro, de caráter sociocultural, promoveu o fortalecimento de memórias coletivas e a valorização da identidade local e seu papel proativo para a conservação do patrimônio cultural material e imaterial associado à biodiversidade da Mata Atlântica a partir da condução de cartografias sociais, formações e implementação de um ecomuseu comunitário; O segundo eixo, com enfoque socioambiental, fomentou práticas de uso e manejo sustentável dos recursos naturais orientados à conservação de remanescentes da floresta urbana, a partir da implementação de tecnologias sociais ecoeficientes sob gestão comunitária, apoio à pesquisa e do desenvolvimento de um Programa de Educação Ambiental e combate ao racismo voltado para as infâncias; A partir do terceiro eixo, voltado para o desenvolvimento de atividades socioeconômicas baseadas na valorização e preservação dos bens e serviços gerados pelas comunidades, foram fomentadas ações de turismo de base comunitária, estimulando o desenvolvimento de produtos da sociobiodiversidade e apoiando o fortalecimento de mercados locais.

Durante 26 meses de execução do projeto, houve um esforço constante para garantir a participação de lideranças comunitárias, o protagonismo das mulheres, o diálogo de saberes e o fortalecimento da agroecologia e da agricultura urbana.

Em relação às pesquisas científicas apoiadas pelo projeto, buscamos desenvolver um olhar para que os pesquisadores não buscassem apresentar estratégias técnico-científicas de como recursos naturais podem ser protegidos. Mas pesquisas foram, principalmente, resultados de compromissos, encontros, interações, afetos e memórias que compuseram um olhar agroecológico para a conservação.



Resultados

Um olhar agroecológico para os serviços ecossistêmicos

A agricultura convencional, baseada no uso de insumos externos, não é sustentável, por muitas razões. Uma delas é o intensivo uso de fertilizantes minerais e agrotóxicos, que causam impactos ambientais e problemas de saúde, tanto entre os trabalhadores envolvidos na produção, como nos consumidores dos alimentos. Além disso, há um reflexo desigual sobre as economias, com o fortalecimento dos grandes produtores exportadores de commodities em detrimento das economias camponesas - além da perda de biodiversidade e redução das potencialidades das contribuições da natureza para as pessoas, também chamados de serviços ecossistêmicos.

Serviços ecossistêmicos (SE) é um termo que torna explícito “os benefícios que as pessoas obtêm dos ecossistemas”. São definidos como “as contribuições diretas e indiretas da natureza para o bem-estar humano” (MEA, 2005), e sua conceituação enfatiza a dependência humana de processos naturais. Assim, o conceito de SE chama atenção para as interações e interdependências entre natureza, sociedade e economia. São exemplos: produção de alimentos, regulação climática e hídrica, recursos genéticos e polinização. Sabemos que a sustentabilidade da agricultura depende de um amplo conjunto de SE, como fertilidade do solo e polinização por insetos.

No entanto, essas contribuições estão em declínio em muitas partes do mundo. No Brasil, isso é muito impactante, pois é um território que contém biomas de altíssima biodiversidade global, dentre eles o Cerrado e a Mata Atlântica. A relevância da manutenção dessa biodiversidade para a provisão de diversos SE e para o bem-estar humano, através de estratégias de conservação que respeitem diferentes modos de vida, junto com a necessidade de reduzir emissões de carbono, vem sendo a cada dia mais evidenciada pela ciência.

Muitos estudos mostram que a integração de princípios ecológicos nas práticas agrícolas pode aumentar tanto a produção e qualidade de alimentos quanto outros SE, mantendo os agroecossistemas mais saudáveis e resilientes. Neste contexto, a agroecologia é um campo muito expressivo, pois aborda os sistemas agrícolas como sistemas socioecológicos, a partir de perspectivas ecológicas e socioeconômicas, tendo como objetivo principal o desenvolvimento de sistemas de produção justos e sustentáveis.

Apoiadas pelo projeto, duas pesquisas foram realizadas em áreas de agricultura urbana. Os SE foram demonstrados e discutidos no âmbito da valorização das pessoas e sua relação com o território para a proteção da floresta, das águas e do clima, vinculado ao conhecimento técnico-científico e ao fortalecimento das agriculturas urbanas da cidade do Rio de Janeiro.



1. A primeira, foi conduzida por Balieiro et al (2023) no Quilombo Cafundá Astrogilda, e consistiu na mensuração do SE Sequestro de C do solo da floresta manejada por quilombolas de Vargem Grande, no Rio de Janeiro. Os resultados apontaram que os sistemas agrofloretais manejados pela comunidade quilombola apresentaram estoques de C superior ao solo da Floresta adjacente a eles (BALIEIRO et al, 2023).
2. A segunda pesquisa, conduzida por Ferreira et al (2023), avaliou a comunidade de abelhas nativas encontrada em propriedades de agricultura urbana nos bairros de Vargem Grande e Campo Grande (comunidade de Rio da Prata) como um indicativo da capacidade dessas áreas de conservarem o SE de polinização, gerando benefícios para a agricultura e garantindo a regeneração da vegetação nativa. Os resultados apontaram que a disponibilidade de recursos para alimentação e nidificação nas áreas de agricultura urbana garante a conservação da riqueza de espécies de abelha, ainda que o distanciamento das áreas de vegetação nativa implique no surgimento de espécies dominantes. Portanto, um efetivo trabalho de conservação da comunidade de abelhas está associado à conservação da agricultura local e suas estratégias de manejo.

Os resultados das pesquisas foram apresentados e debatidos com representantes das comunidades quilombolas e agricultoras(es) num seminário em junho de 2023. As pesquisas demonstram que as estratégias de uso e manejo sustentável da biodiversidade realizadas por comunidades tradicionais moldaram a capacidade de ecossistemas presentes no Maciço da Pedra Branca para a produção de SE fundamentais para toda uma cidade. Além disso, a partir de um olhar agroecológico, gerou subsídios para um modelo de conservação socioambientalmente justo, que reconhece o papel da agricultura urbana na produção e manutenção de SE.

Um olhar agroecológico para o combate à fome

O Brasil voltou para o Mapa da Fome no ano de 2022, apenas oito anos após reduzir a insegurança alimentar o suficiente para ser retirado do mapa. A agroecologia representa uma forma de resistência a esse cenário. Ela é tanto uma forma de produção agrícola quanto um movimento de organização e construção da autonomia das comunidades. Os sujeitos coletivos do movimento agroecológico defendem que as comunidades devem ter acesso e controle sobre os recursos locais, como terra, água e sementes, e realizam um trabalho em prol da soberania alimentar local. Por ser desenvolvida por comunidades e mantida por meio de movimentos sociais, a agroecologia alimenta as lutas locais e globais pela soberania alimentar e justiça climática, que se tornam cada dia mais urgentes.

Através das ações desenvolvidas pelo Projeto Sertão Carioca, buscamos dar visibilidade e fortalecer as lutas locais de nossas redes e parcerias comunitárias, e apoiar no desenvolvimento das suas soluções no combate à fome, e na conservação dos recursos naturais, o que já é realizado há gerações por inúmeras famílias do Maciço da Pedra Branca.



Considerando o período em que o projeto foi desenvolvido – entre dezembro de 2020 e janeiro de 2023 – buscamos valorizar as experiências de pessoas e grupos que, mesmo afetados por uma pandemia com efeitos devastadores, se mobilizaram para a produção e distribuição de alimentos, buscaram se apoiar, participar e esperar por dias melhores. Assim como as resistências de agricultores e quilombolas que assistiram ao desmonte de políticas voltadas para as comunidades tradicionais e agricultura familiar e ainda estiveram juntos participando, contando suas histórias e sua relação com o território.

Neste sentido, foi importante o fortalecimento da campanha Produtos da Gente, uma ação permanente de comunicação popular e apoio à agricultura urbana e familiar na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Por meio das diferentes linguagens de comunicação popular, ela fortalece a agroecologia nos territórios, promove oportunidades de geração de renda, ampliando e consolidando os circuitos locais de produção e comercialização, com o objetivo valorizar as famílias agricultoras, seus alimentos, territórios e seus produtos.

O olhar agroecológico adotado buscou dar visibilidade a essas lutas e forneceu elementos para que sejam debatidas as causas profundas da fome no Brasil, que estão relacionadas com os monopólios de mercados, com a degradação e o racismo ambiental. A partir de estratégias socioambientais, socioculturais e socioeconômicas, formações, intercâmbios, etc, apoiamos a criação de soluções locais e favorecemos o diálogo entre diferentes parceiros para se pensar sobre economia solidária, redes de produção local, turismo de base comunitária, produtos da sociobiodiversidade, justiça climática, dentre outros.

Restaurar relações e a precedência dos interesses das populações locais nas estratégias de conservação da natureza e de combate à fome é um desafio assumido pelos movimentos de defesa da agroecologia. Para tanto, é necessário confluir caminhos que busquem articular as formas intuitivas e integradoras adotadas pelos agricultores e comunidades tradicionais, bem como com os métodos racionais/analíticos empregados pelos pesquisadores e técnicos.

Agradecimentos

Agradecemos às parcerias institucionais e comunitárias cujos esforços possibilitaram a construção e execução coletiva do projeto. O projeto Sertão Carioca teve patrocínio da Petrobras por meio do Programa Petrobras Socioambiental.

Referências bibliográficas

BALIEIRO, Fabiano de Carvalho et al. Comunidades quilombolas do Maciço da Pedra Branca preservam o solo da maior floresta urbana do planeta e incrementam seus estoques de carbono do solo. **Informe técnico**. Rio de Janeiro: AS-PTA Agricultura Familiar a Agroecologia, 2023.



FERREIRA, Liliane de Souza; et al. A comunidade de abelhas nativas na agricultura urbana do Sertão Carioca. In: PENA, Ingrid Almeida de Barros Pena et al. **Um olhar agroecológico e quilombola para a conservação ambiental**. 1. ed. – Rio de Janeiro: AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, 2023.

MEA. **Ecosystems and human well-being: global assessment reports**. Millennium Ecosystem Assessment. Washington (DC): IslandPress, 2005.

SANTOS, Antônio Bispo. **Quilombos, Modos e Significados**. Editora COMEPI, Teresina/PI, 2007.